

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
NOÉMIA DELGADO, O CINEMA NO SINGULAR
2 e 14 de Outubro de 2026

MÁSCARAS / 1976

um filme de NOÉMIA DELGADO

Realização e Montagem: Noémia Delgado / **Fotografia:** Acácio de Almeida, José Reynès (16mm) / **Som:** Philippe Costantini / **Locução:** Alexandre O'Neill / **Consultor Musical:** Luís Madeira / **Música:** "Canto da Verónica" recolhido por Michel Giacometti / **Arranjos Musicais:** Luís Represas (viola), João Represas (flauta) / **Supervisão de Texto:** Ernesto Veiga de Oliveira, Benjamim Pereira / **Assistentes:** Henrique Paula Nogueira, Raymond Frémont, Carlos Mena / **Interpretação:** Povo do Nordeste Trasmontano ("com a participação das populações das seguintes localidades: Varge, Grijó de Parada, Bemposta, Rio de Onor, Podence, Bragança").

Produção: Centro Português de Cinema / **Apoio Financeiro:** Instituto Português de Cinema / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, DCP (Digitalização e restauro realizado em 2021 com o apoio do PNC pela Cinemateca e pela Irmã Lúcia Efeitos Especiais / Suporte original 16mm), cor / **Duração:** 111 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** 20 de Maio de 1976, Festival de Cannes (Mercado do Filme) / **Primeiras Apresentações em Portugal:** 14 de Junho de 1976, Biblioteca Nacional / 14 e 15 de Julho de 1976, Ar.Co – Centro de Arte & Comunicação Visual, Lisboa / **Primeira Exibição na Cinemateca:** 15 de Setembro de 1980, "Panorama do Cinema Português" / Sem estreia comercial.

Sessão de dia 2 com a presença de Acácio de Almeida

MÁSCARAS documenta várias festas e rituais do Nordeste Transmontano, abordando as tradições seculares do chamado "Ciclo de Inverno" ou das "Festas de Inverno", celebrações de origem pagã que evocam o solstício, a transição para a idade adulta ("a Festa dos Rapazes") e os vários ciclos da vida. Como acentua o texto introdutório de MÁSCARAS, narrado pela voz do escritor Alexandre O'Neill, os mascarados envolvidos nestas celebrações que, no nosso país, se concentram nas "*terras de feição ainda arcaizante do Nordeste Trasmontano*" são personagens que têm também uma forte relação com a morte, tratando-se de tradições associadas ao culto dos mortos, que remontam a eras longínquas e a tempos que precedem o cristianismo.

Por pretender registar um conjunto de celebrações de origem popular em vias de desaparecimento, bem como a relação com o quotidiano dos seus praticantes, poderemos inscrever MÁSCARAS naquele que foi designado por Eduardo Prado Coelho como um "movimento antropológico do cinema português". "Movimento" que, não por acaso, se desenvolve na década de 70, e recupera o interesse pelas tradições e pela ruralidade de regiões como Trás-os-Montes. Entre os filmes produzidos nessa altura encontramos assim FESTA, TRABALHO E PÃO EM GRIJÓ DE PARADA (1973), de Manuel Costa e Silva, FALAMOS DE RIO DE ONOR (1974), de António Campos, ARGOZELO (1977) de Fernando Matos Silva, ou TRÁS-OS-MONTES (1976), de António Reis e Margarida Cordeiro. No início da década anterior, Manoel de Oliveira havia já realizado ACTO DA PRIMAVERA (1962), que abrirá o caminho para este conjunto de filmes que se alimentam da cultura popular e que manifestam um interesse

etnográfico, sem sacrificar a forma cinematográfica.

MÁSCARAS colocará várias questões levantadas por muitos destes filmes, alargando-as a uma problematização da instabilidade da fronteira entre o registo e a ficção como modo ideal de representação do real. Centrando-se no Nordeste Trasmontano, o filme de Delgado tem uma maior amplitude geográfica que outra obra sobre as mesmas tradições dessa região, FESTA, TRABALHO E PÃO EM GRIJÓ DE PARADA, realizada pouco tempo antes por Manuel Costa e Silva. Enquanto Costa e Silva filmou os mascarados numa única localidade – Grijó de Parada –, optando por integrar as festas nas restantes dimensões do quotidiano da aldeia, Delgado realizou MÁSCARAS entre Vargues, Grijó, Bemposta, Rio de Onor, Podence e Bragança. As suas filmagens foram prolongadas entre o Natal de 1974 e Fevereiro de 1975 e acompanharam as respectivas festas do Ciclo de Inverno: Festa dos Rapazes, Santo Estêvão, Natal, Ano Novo, dia de Reis e Carnaval. Não obstante as suas diferenças, estes dois filmes possuidores de uma força invulgar, ecoam um sobre o outro. Ao documentar o Santo Estêvão em Grijó de Parada, Noémia Delgado ajuda-nos a melhor compreender a cerimónia composta por uma refeição colectiva cuja mesa é instalada no largo da aldeia, festa já filmada por Costa e Silva, que não nos dava todos os elementos para o seu entendimento.

MÁSCARAS é a primeira longa-metragem de Noémia Delgado, cineasta que começou a trabalhar como assistente de montagem e montadora de filmes de outros realizadores como Paulo Rocha, António da Cunha Telles, António de Macedo ou Manoel de Oliveira, ao mesmo tempo que assinou várias curtas-metragens. E se MÁSCARAS não é o primeiro filme de Delgado é, sem dúvida, o seu mais belo filme. Fazendo parte de um conjunto de produções do Centro Português de Cinema, desenvolvidas no âmbito do seu projecto “Museu da Imagem e do Som”, MÁSCARAS conhecerá um percurso atribulado até à sua estreia.

Ao registar um conjunto de tradições cujo significado e rigor na representação se estavam a diluir progressivamente no tempo em virtude de factores como a cada vez maior escassez das máscaras e de trajes (o que limitava as comemorações), mas também o fenómeno da emigração, que levava os homens mais jovens a abandonar as aldeias, deixando para trás os idosos, as mulheres e as crianças, sendo estes rituais profundamente masculinos, Delgado fará muito pela recuperação dessas mesmas tradições.

Face ao desejo de filmar algumas das tradições já desaparecidas para as comunidades locais, Noémia Delgado chega, seguindo o exemplo de Jean Rouch, a enveredar por uma “recriação possível”, o que se revela nas curiosas imagens finais em Bragança que fazem renascer os rituais da Quarta-Feira de Cinzas. Recorrendo à encenação, Noémia Delgado retrata várias festas e tradições perdidas, contribuindo para a sua própria revitalização. Entre o propósito da cientificidade, traduzido pela presença de dois antropólogos como consultores, e a aposta na recriação, MÁSCARAS aponta para os pressupostos de um cinema não inocente, que transforma positivamente o que filma.

Joana Ascensão

“Folha da Cinemateca” originalmente escrita em 2011 para acompanhamento de uma exibição conjunta de MÁSCARAS e de FESTA, TRABALHO E PÃO EM GRIJÓ DE PARADA, de Manuel Costa e Silva, posteriormente adaptada e agora revista.